

rendez-vous com rama
arthur c. clarke

Tradução de Renato Carreira



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

CAPÍTULO UM



Mais cedo ou mais tarde, teria de acontecer. A 30 de junho de 1908, Moscovo escapou à destruição por três horas e quatro mil quilómetros, uma margem invisivelmente reduzida pelos padrões do universo. Novamente, a 12 de fevereiro de 1947, outra cidade russa escapou por menos ainda, quando o segundo grande meteorito do século xx explodiu a menos de quatrocentos quilómetros de Vladivostoque, com a explosão a rivalizar com a recém-inventada bomba de urânio.

Nesses dias, não havia nada que os homens pudessem fazer para se protegerem dos últimos disparos aleatórios no bombardeamento cósmico que outrora tinha marcado a face da Lua. Os meteoritos de 1908 e 1947 atingiram vastidões desabitadas, mas, no final do século XXI, não restava nenhuma região na Terra que pudesse ser usada com segurança para tiro ao alvo celestial. A espécie humana tinha-se espalhado de polo a polo. E, assim, inevitavelmente...

Às 9:46 TMG na manhã de 11 de setembro, no excepcionalmente belo verão do ano 2077, a maioria dos habitantes da Europa viram uma bola de fogo deslumbrante surgir no céu oriental. Em segundos, ficou mais brilhante que o Sol e, enquanto atravessava o céu, inicialmente em silêncio completo, deixou como rasto uma coluna móvel de pó e fumo.

Algures sobre a Áustria, começou a desintegrar-se, produzindo uma série de concussões tão violentas que mais de um milhão de pessoas sofreram danos auditivos permanentes. Foram as sortudas.

Movendo-se a cinquenta quilómetros por segundo, mil toneladas de rocha e metal chocaram contra as planícies do Norte de Itália, destruindo em momentos flamejantes o trabalho de séculos. As cidades de Pádua e Verona foram varridas da superfície da Terra, e as últimas glórias de Veneza afundaram-se para sempre no mar quando as águas do Adriático avançaram trovejantes para a terra depois do golpe de martelo do espaço.

Morreram seiscentas mil pessoas, e os danos totais ultrapassaram um bilião de dólares. Mas a perda para a arte, a história, a ciência... para toda a espécie humana para sempre... foi incalculável. Foi como se uma grande guerra tivesse sido travada e perdida numa única manhã. E poucos puderam sentir grande agrado com o facto de, enquanto o pó da destruição assentava lentamente, durante meses, o mundo ter assistido aos amanheceres e anoiteceres mais esplêndidos desde Krakatoa.

Depois do choque inicial, a humanidade reagiu com uma determinação e uma unidade que nenhuma era anterior poderia ter demonstrado. Percebeu-se que tal desastre poderia não ocorrer em mil anos... mas também que poderia ocorrer no dia seguinte. E, quando voltasse a acontecer, as consequências poderiam ser ainda piores.

Muito bem. *Não haveria próxima vez.*

Cem anos antes, um mundo muito mais pobre, com muito menos recursos, tinha esbanjado a sua riqueza a tentar destruir armas disparadas, de forma suicida, pela humanidade contra si mesma. O esforço nunca teve sucesso, mas as capacidades adquiridas nesse momento não tinham sido esquecidas. No presente, podiam ser usadas com um propósito muito mais nobre e num palco infinitamente mais vasto. Nenhum meteorito suficientemente grande para causar uma catástrofe voltaria a poder passar as defesas da Terra.

Assim começou o projeto GUARDA ESPACIAL. Cinquenta anos depois, de uma forma que nenhum dos seus criadores poderia ter antecipado, justificou a sua existência.

CAPÍTULO DOIS



No ano 2130, os radares colocados em Marte descobriam novos asteroides a um ritmo de doze por dia. Os computadores da GUARDA ESPACIAL calcularam automaticamente as suas órbitas e armazenaram a informação nas suas enormes memórias para que, com intervalo de poucos meses, qualquer astrónomo interessado pudesse consultar as estatísticas acumuladas. Tinham-se tornado bastante impressionantes.

Demorou mais de cento e vinte anos a reunir os primeiros mil asteroides desde a descoberta de Ceres, o maior desses mundos minúsculos, no primeiro dia do século XIX. Centenas foram descobertas, perdidas e redescobertas. Existiam em tais aglomerados que um astrónomo exasperado lhes chamou «praga dos céus». Teria ficado chocado por saber que a GUARDA ESPACIAL acompanhava agora meio milhão.

Só os cinco gigantes, Ceres, Palas, Juno, Eunomia e Vesta, mediam mais de duzentos quilómetros de diâmetro. A vasta maioria não passava de pedregalhos grandes que caberiam num parque pequeno. Quase todos se moviam em órbitas para além de Marte. Só os poucos que se aproximavam suficientemente do Sol para poderem constituir um perigo possível para a Terra preocupavam a GUARDA ESPACIAL. E nem um em mil destes, durante toda a história futura do sistema solar, passaria a um milhão de quilómetros da Terra.

O objeto originalmente catalogado como 31/439, de acordo com o ano e a ordem da sua descoberta, foi detetado ainda fora da órbita de Júpiter. Não havia nada de invulgar na sua localização. Muitos asteroides passavam Saturno antes de se virarem novamente na direção do seu mestre distante, o Sol. E Thule II, o mais distante de todos, passou tão perto de Úrano que poderia ter sido uma lua perdida desse planeta.

Mas um primeiro contacto radar a tal distância não tinha precedente. Claramente, o 31/439 teria um tamanho excepcional. Pela força do eco, os computadores deduziram um diâmetro de pelo menos quarenta quilómetros. Há cem anos que não se descobria um tal gigante. O facto de ter sido ignorado durante tanto tempo parecia inacreditável.

Depois, a órbita foi calculada e o mistério foi esclarecido... e substituído por um ainda maior. O 31/439 não percorria um trajeto de asteroide normal, seguindo uma elipse repetida com minúcia com intervalos de poucos anos. Era um viajante solitário entre as estrelas, fazendo a sua primeira e última visita ao sistema solar, pois movia-se tão depressa que o campo gravitacional do Sol nunca conseguiria capturá-lo. Passaria num ápice para dentro, junto às órbitas de Júpiter, Marte, da Terra, de Vénus e Mercúrio, ganhando velocidade enquanto o fazia, até contornar o Sol e voltar a partir novamente para o desconhecido.

Foi neste ponto que os computadores começaram a ativar o seu sinal de «Vejam só! Temos algo interessante», e, pela primeira vez, o 31/439 chamou a atenção de seres humanos. Houve uma breve explosão de excitação no quartel-general da GUARDA ESPACIAL, e o vagabundo interestelar foi rapidamente honrado com um nome em vez de um mero número. Há muito tempo que os astrónomos tinham esgotado a mitologia grega e romana. Presentemente, tinham passado ao panteão hindu. E, assim, o 31/439 foi batizado Rama.

Durante alguns dias, os noticiários fizeram grande alarido com o visitante, mas eram gravemente incapacitados pela escassez de informação. Só dois factos eram conhecidos acerca de Rama: a sua órbita invulgar e o seu tamanho aproximado. Mesmo isso era apenas uma suposição fundamentada que se baseava na força do eco radar. Pelo telescópio, Rama surgia ainda como uma estrela ténue de décima quinta magnitude, demasiado pequena para exhibir um disco visível. Mas, enquanto mergulhava em direção ao coração do sistema solar, tornar-se-ia cada vez mais brilhante e maior, mês a

mês. Antes de desaparecer para sempre, os observatórios em órbita conseguiriam recolher informação mais precisa acerca da sua forma e tamanho. Havia tempo suficiente, e talvez, durante os anos seguintes, alguma nave espacial nas suas tarefas habituais pudesse ser desviada para passar suficientemente perto e obter fotografias de qualidade. Um contacto real era muito improvável. O custo energético seria demasiado elevado para permitir contacto físico com um objeto que atravessava as órbitas dos planetas a mais de cem mil quilómetros por hora.

Por isso, o mundo depressa esqueceu Rama, mas os astrónomos não. A sua excitação cresceu com os meses que passaram, enquanto o novo asteroide colocava perante eles cada vez mais enigmas.

Em primeiro lugar, havia o problema da curva luminosa de Rama. Não tinha uma.

Todos os asteroides conhecidos, sem exceção, demonstravam uma variação lenta na sua luminosidade, aumentando e diminuindo num período de poucas horas. Há mais de dois séculos que se reconhecia que aquilo era um resultado inevitável da sua rotação e da sua forma irregular. Enquanto giravam nas suas órbitas, as faces refletoras que apresentavam ao Sol mudavam continuamente e o seu brilho variava de igual modo.

Rama não apresentava as mesmas alterações. Ou não girava ou era perfeitamente simétrico. As duas explicações pareciam igualmente improváveis.

A questão manteve-se assim durante vários meses porque nenhum dos grandes telescópios orbitais podia ser dispensado da sua tarefa habitual de perscrutar as profundezas remotas do universo. A astronomia espacial era um passatempo dispendioso, e o tempo de utilização de um instrumento grande facilmente poderia custar mil dólares por minuto. O Dr. William Stenton nunca teria conseguido reservar o refletor de duzentos metros *Farside* por um quarto de hora inteiro se um programa mais importante não tivesse sido temporariamente descarrilado pela falha de um condensador de cinquenta cêntimos. O azar de um astrónomo tinha sido a sua sorte.

Bill Stenton só percebeu o que tinha captado no dia seguinte, quando conseguiu tempo no computador para processar os seus resultados. Mesmo quando os viu finalmente no seu ecrã, demorou vários minutos a compreender o que significavam.

A luz do Sol refletida por Rama não era, afinal, absolutamente constante

na sua intensidade. Havia uma variação muito pequena, difícil de detetar, mas perfeitamente inconfundível e extremamente regular. Como todos os outros asteroides, Rama girava, de facto. Mas, enquanto o «dia» normal para um asteroide durava várias horas, o de Rama durava apenas quatro *minutos*.

O Dr. Stenton fez alguns cálculos rápidos e custou-lhe acreditar nos resultados. No seu equador, aquele mundo minúsculo giraria a mais de mil quilómetros por hora. Não seria nada saudável tentar um pouso em qualquer ponto além dos polos. A força centrífuga no equador de Rama seria suficientemente poderosa para projetar todos os objetos soltos para longe com uma aceleração de quase uma gravidade. Rama era uma pedra rolante que nunca se cobriria com musgo cósmico. Era surpreendente que tal corpo tivesse conseguido manter-se intacto sem se despedaçar num milhão de fragmentos há muito tempo.

Um objeto com quarenta quilómetros de diâmetro, com um período de rotação de apenas quatro minutos... Onde encaixava aquilo no panorama astronómico? O Dr. Stenton era um homem com alguma imaginação, demasiado rápido a chegar a conclusões. Naquele momento, chegou a uma que lhe deu alguns minutos muito desconfortáveis.

O único espécime do jardim zoológico celestial que encaixava naquela descrição era uma estrela colapsada. Talvez Rama fosse um sol morto, uma esfera em rotação desvairada de neutrónio, com cada centímetro cúbico a pesar milhares de milhão de toneladas.

Naquele ponto, surgiu brevemente na mente horrorizada do Dr. Stenton a memória do clássico intemporal, *A Estrela* de H. G. Wells. Tinha-o lido pela primeira vez quando era muito pequeno e ajudou a despertar o seu interesse pela astronomia. Em mais de duzentos anos, não perdeu nenhuma da sua magia e terror. Nunca esqueceria as imagens de furacões e maremotos, de cidades a afundarem-se no mar, enquanto aquele outro visitante das estrelas chocava contra Júpiter e, a seguir, caía na direção do Sol, passando pela Terra. Era verdade que a estrela que o velho Wells tinha descrito não era fria e sim incandescente, causando a maior parte da sua destruição pelo calor. Isso pouco importava. Mesmo que Rama fosse um corpo frio e apenas refletisse a luz do Sol, poderia matar tão facilmente com a gravidade como com o fogo.

Qualquer massa estelar que se infiltrasse no sistema solar distorceria

completamente as órbitas dos planetas. A Terra precisava apenas de se mover alguns milhões de quilómetros na direção do Sol... ou das estrelas... para que o equilíbrio delicado do clima fosse destruído. A calota polar antártica derreteria e inundaria toda a terra baixa. Ou os oceanos poderiam congelar e o mundo todo ficaria preso num inverno eterno. Um simples empurrão em qualquer direção seria suficiente...

A seguir, o Dr. Stenton descontraiu e suspirou de alívio. Tudo aquilo era uma tolice. Devia ter vergonha.

Era impossível que Rama fosse feito de matéria densa. Nenhuma massa de dimensão astral conseguiria penetrar tão profundamente no sistema solar sem provocar perturbações que a teriam denunciado há muito. As órbitas de todos os planetas teriam sido afetadas. Tinha sido assim, afinal, que Neptuno, Plutão e Perséfone tinham sido descobertos. Não, era completamente impossível que um objeto tão imenso como um sol morto conseguisse aproximar-se sem ser avistado.

De certa forma, era uma pena. Um contacto com uma estrela escura teria sido bastante excitante.

Enquanto durasse...

CAPÍTULO TRÊS



A reunião extraordinária do Conselho Consultivo Espacial foi breve e tempestuosa. Mesmo no século xxii, ainda não se tinha descoberto uma forma de impedir que cientistas idosos e conservadores ocupassem posições administrativas cruciais. Na verdade, era duvidoso que o problema pudesse alguma vez ser resolvido.

Para piorar as coisas, o atual presidente do CCE era o professor (emérito) Olaf Davidson, o distinto astrofísico. O professor Davidson não se interessava muito por objetos mais pequenos que galáxias e nunca se dava ao trabalho de esconder os seus preconceitos. E, apesar de ter de admitir que noventa por cento da sua ciência passara a basear-se em observações a partir de instrumentos no espaço, isso não lhe agradava nada. Em pelo menos três ocasiões na sua distinta carreira, satélites lançados especialmente para provar uma das suas teorias de estimação tinham feito exatamente o oposto.

A questão perante o Conselho era suficientemente direta. Sem dúvida que Rama era um objeto invulgar... mas seria um objeto importante? Em poucos meses, desapareceria para sempre, e, por isso, havia pouco tempo para agir. Oportunidades perdidas naquele momento nunca regressariam.

Com um custo bastante horripilante, uma sonda espacial lançada em breve de Marte para além de Neptuno poderia ser modificada e enviada

numa trajetória de alta velocidade ao encontro de Rama. Não havia esperança de um contacto. Seria o voo próximo mais rápido até ali, pois os dois corpos passariam um pelo outro a duzentos mil quilómetros por hora. Rama seria observado intensivamente durante apenas alguns minutos, e, com proximidade real, durante menos de um segundo. Mas, com os instrumentos certos, isso seria tempo suficiente para responder a muitas questões.

Mesmo que o professor Davidson não tivesse boa opinião da sonda de Neptuno, já tinha sido aprovado e não via motivo para gastar mais dinheiro sem necessidade. Falava com eloquência acerca da loucura da perseguição de asteroides e da necessidade urgente de um novo interferómetro de alta resolução na Lua para provar a recentemente reabilitada teoria de criação do Big Bang, de uma vez por todas.

Era um erro tático grave porque os três defensores mais fervorosos da Teoria Modificada do Estado Estacionário também eram membros do Conselho. Concordavam secretamente com o professor Davidson que perseguir asteroides era um desperdício de dinheiro. Mesmo assim...

Perdeu por um voto.

Três meses depois, a sonda espacial, rebatizada Sita, foi lançada de Fobos, a lua interior de Marte. O tempo de voo foi de sete semanas e o instrumento foi ativado com máxima potência apenas cinco minutos antes da interceção. Em simultâneo, várias cápsulas com câmaras foram libertadas, para passarem por Rama de forma a ser fotografado de todos os lados.

As primeiras imagens, de dez mil quilómetros de distância, suspenderam as atividades da humanidade inteira. Em mil milhões de ecrãs de televisão, surgiu um minúsculo cilindro sem traços distintivos, que crescia rapidamente a cada segundo. Quando dobrou o seu tamanho, já ninguém conseguia fingir que Rama era um objeto natural.

O seu corpo era um cilindro tão geometricamente perfeito que poderia ter sido moldado num torno... com extremidades separadas por cinquenta quilómetros. As duas extremidades eram bastante planas, além de algumas pequenas estruturas no centro de uma das faces, e mediam vinte quilómetros de diâmetro. À distância, quando não havia a noção da escala, Rama parecia-se de forma quase cómica com um termoacumulador doméstico comum.

Rama cresceu até encher o ecrã. A sua superfície era de um cinzento baço e aborrecido, tão desprovida de cor como a Lua e completamente livre de marcas com a exceção de um único ponto. A meio do cilindro, havia uma mancha ou borrão com um quilómetro de largura, como se algo o tivesse atingido e salpicado, eras antes.

Não havia sinais de que o impacto tivesse provocado o mínimo dano nas paredes giratórias de Rama. Mas esta marca tinha causado a ligeira flutuação de brilho que motivara a descoberta de Stenton.

As imagens das outras câmaras não acrescentaram nada de novo. Porém, as trajetórias seguidas pelas cápsulas através do pequeno campo gravitacional de Rama revelaram outra informação vital: a massa do cilindro.

Era demasiado leve para ser um corpo sólido. Sem surpreender grandemente ninguém, ficou claro que Rama seria oco. O contacto há tanto esperado e há tanto temido tinha chegado finalmente. A humanidade estava prestes a receber o seu primeiro visitante das estrelas.

CAPÍTULO QUATRO



O comandante Norton recordava aquelas primeiras transmissões televisivas, que tinha repetido tantas vezes, durante os últimos minutos do contacto. Mas havia uma coisa que nenhuma imagem eletrónica poderia transmitir: a dimensão avassaladora de Rama.

Nunca tinha sentido algo idêntico quando pousou num corpo natural como a Lua ou Marte. Eram mundos e esperava-se que fossem grandes. Porém, também tinha pousado em Júpiter VIII, que era ligeiramente maior que Rama, e parecera um objeto bastante pequeno.

Era muito fácil resolver o paradoxo. A sua perceção foi completamente alterada pelo facto de aquele ser um artefacto milhões de vezes mais pesado que qualquer coisa que o Homem alguma vez tivesse posto no espaço. A massa de Rama era de pelo menos dez milhões de toneladas. Para qualquer astronauta, isso não era apenas espantoso, mas era também aterrador. Não admirava que, por vezes, se sentisse insignificante e até deprimido enquanto aquele cilindro de metal esculpido e eterno ia preenchendo uma percentagem cada vez maior do céu.

Também havia ali uma sensação de perigo que era totalmente nova na sua experiência. Em todas as outras missões, soube o que esperar. Havia

sempre a possibilidade de acidente, mas nunca de surpresa. Com Rama, a surpresa era a única certeza.

A *Endeavour* pairava agora menos de mil metros acima do Polo Norte do cilindro, no centro exato do disco em rotação lenta. Aquela extremidade tinha sido escolhida por ser a que recebia o sol. Enquanto Rama girava, as sombras das estruturas baixas e enigmáticas perto do eixo moviam-se de forma regular sobre a planície de metal. A face norte de Rama era um gigantesco relógio solar, medindo a passagem rápida do seu dia de quatro minutos.

Pousar uma nave de cinco mil toneladas no centro de um disco em rotação era a menor das preocupações do comandante Norton. Não era diferente de acoplar no eixo de uma estação espacial grande. Os jatos laterais da *Endeavour* já lhe tinham permitido atingir rotação idêntica, e podia confiar no tenente Joe Calvert para a pousar tão delicadamente como um floco de neve, com ou sem a ajuda do computador de navegação.

— Em três minutos — disse Joe sem afastar os olhos do ecrã —, saberemos se é feito de antimatéria.

Norton sorriu ao recordar algumas das teorias mais arrepiantes acerca da origem de Rama. Se essa especulação improvável fosse verdadeira, em poucos segundos, ocorreria a maior explosão desde a formação do sistema solar. A aniquilação total de dez mil toneladas daria, por um instante, um segundo sol aos planetas.

No entanto, o perfil de missão previa até essa contingência remota. A *Endeavour* tinha projetado até Rama um dos seus jatos à distância segura de mil quilómetros. Não aconteceu nada quando a nuvem de vapor em expansão alcançou o alvo. E uma reação de matéria-antimatéria que envolvesse mesmo apenas alguns miligramas provocaria um assombroso espetáculo de fogo-de-artifício.

Norton, como todos os comandantes espaciais, era um homem cauteloso. Tinha olhado longamente para a face boreal de Rama enquanto escolhia o ponto de contacto. Após muita reflexão, decidiu evitar o ponto óbvio, o centro preciso, no próprio eixo. Um disco claramente marcado, com cem metros de diâmetro, tinha o seu centro no polo e Norton desconfiava que aquilo seria a comporta estanque de uma enorme câmara de descompressão. As criaturas que tinham construído aquele mundo oco deviam ter alguma forma de levar as suas naves para dentro. Era o sítio lógico para a

entrada principal e Norton pensou que seria insensato bloquear a porta da rua com o seu próprio veículo.

Mas aquela decisão criou outros problemas. Se a *Endeavour* pousasse mesmo a alguns metros do eixo, a rotação rápida de Rama começaria a fazê-la deslizar para longe do polo. A princípio, a força centrífuga seria faca, mas seria contínua e inexorável. Não agradava ao comandante Norton a possibilidade de a sua nave deslizar sobre a planície polar, ganhando velocidade minuto a minuto até ser projetada para o espaço a mil quilómetros por hora quando chegasse ao limite do disco.

Era possível que o campo gravitacional reduzido de Rama, cerca de um milésimo da gravidade da Terra, pudesse impedir que aquilo acontecesse. Prenderia a *Endeavour* contra a planície com uma força de várias toneladas, e, se a superfície fosse suficientemente irregular, a nave podia continuar perto do Polo. Mas o comandante Norton não tinha qualquer intenção de equilibrar uma força friccional desconhecida contra uma força centrífuga bastante garantida.

Felizmente, os construtores de Rama tinham-lhe providenciado uma resposta. Distribuídas com espaçamento regular à volta do eixo polar, havia três estruturas baixas com forma de fortim e cerca de dez metros de diâmetro. Se a *Endeavour* pousasse entre duas delas, a derivação centrífuga projetá-la-ia contra as estruturas e ficaria imobilizada com firmeza, como um navio colado ao cais pelas ondas.

— Contacto em quinze segundos — disse Joe. Enquanto ficava tenso sobre os controlos duplicados, que esperou não precisar de tocar, o comandante Norton apercebeu-se de tudo o que se tinha focado naquele instante. Seguramente, aquilo seria o contacto mais tremendo desde a chegada a Marte, século e meio antes.

Os fortins cinzentos moveram-se lentamente para cima, fora da janela de controlo. Ouviu-se o último silvo de um jato de reação e um solavanco quase impercetível.

Nas semanas que tinham passado, o comandante Norton pensara com frequência no que diria naquele momento. Mas, chegado o momento, a história escolheu-lhe as palavras e falou quase de forma automática, quase sem perceber o eco do passado:

— Base Rama. A *Endeavour* pousou.

...

Um mês antes, não teria julgado aquilo possível. A nave fazia uma missão de rotina, verificando e colocando feixes de alerta de asteroides, quando a ordem chegou. A *Endeavour* era a única nave no sistema solar que conseguiria estabelecer contacto com o intruso antes de contornar o Sol e continuar a grande velocidade em direção às estrelas. Mesmo assim, tinha sido necessário saquear outras três naves da Verificação Solar, que agora flutuavam sem rumo até naves de abastecimento poderem reabastecê-las. Norton temeu que os comandantes da *Calypso*, da *Beagle* e da *Challenger* passassem muito tempo até voltarem a falar-lhe.

Mesmo com todo aquele combustível adicional, tinha sido uma perseguição longa e dura. Rama já estava dentro da órbita de Vénus quando a *Endeavour* a alcançou. Nenhuma outra nave conseguiria fazê-lo. Aquele privilégio era único e nenhum momento das semanas que se seguiam podia ser desperdiçado. Mil cientistas na Terra teriam hipotecado de bom grado as suas almas por aquela oportunidade. Naquele momento, só podiam ver as transmissões televisivas, mordendo os lábios e pensando que *eles* conseguiriam fazer melhor o trabalho. Era provável que tivessem razão, mas não havia alternativa. As leis inexoráveis da mecânica celestial tinham decretado que a *Endeavour* seria a primeira e última das naves da humanidade a estabelecer contacto com Rama.

O conselho que recebia continuamente da Terra pouco fazia para aliviar a responsabilidade de Norton. Se fosse necessário tomar decisões de última hora, ninguém poderia ajudá-lo. O desfazamento nas comunicações rádio com o Controlo de Missão era já de dez minutos e aumentava. Era frequente invejar os grandes navegadores do passado, antes da era das comunicações eletrónicas, que conseguiam interpretar as suas ordens seladas sem monitorização contínua do quartel-general. Nunca ninguém sabia porque *eles* cometiam erros.

Porém, ao mesmo tempo, agradava-lhe que algumas decisões pudessem ser delegadas para a Terra. Agora que a órbita da *Endeavour* se tinha sincronizado com a de Rama, dirigiam-se para o Sol como um corpo único. Em quarenta dias, atingiriam o periélio e passariam a menos de vinte milhões de quilómetros do Sol. Era demasiado perto para se sentir confortável. Muito antes disso, a *Endeavour* teria de usar o combustível que lhe restasse para se impelir para uma órbita mais segura. Talvez tivessem três semanas para explorar antes de deixarem Rama para sempre.

Depois disso, o problema passaria a ser da Terra. A *Endeavour* ficaria virtualmente indefesa, acelerando numa órbita que poderia fazer dela a primeira nave a alcançar as estrelas... em aproximadamente cinquenta mil anos. Não havia motivo para preocupação, prometeu o Controlo de Missão. De alguma forma, alheios aos custos, a *Endeavour* seria reabastecida, mesmo que se revelasse necessário enviar naves de abastecimento atrás deles, abandonando-as no espaço depois de terem transferido cada grama de combustível. Rama era um prémio que justificava qualquer risco abaixo de uma missão suicida.

E, claro, poderia chegar a esse ponto. O comandante Norton não tinha ilusões quanto àquilo. Pela primeira vez em cem anos, um elemento de total incerteza afetava os assuntos humanos. A incerteza era uma coisa que nem cientistas nem políticos podiam tolerar. Se esse fosse o preço da solução, a *Endeavour* e a sua tripulação seriam dispensáveis.

CAPÍTULO CINCO



Rama estava silencioso como um túmulo. E era possível que o fosse. Sem sinais rádio em qualquer frequência. Sem vibrações que os sismógrafos conseguissem captar, além de microtremores sem dúvida causados pelo calor crescente do Sol. Sem correntes elétricas. Sem radioatividade. O silêncio era quase ominoso. Esperar-se-ia que até um asteroide fosse mais barulhento.

Norton perguntou a si mesmo o que tinha esperado. Um comité de boas-vindas? Não sabia ao certo se deveria sentir-se desiludido ou aliviado. De qualquer forma, a iniciativa parecia caber-lhe a si.

As suas ordens eram para esperar vinte e quatro horas antes de sair para explorar. Ninguém dormiu grande coisa nesse primeiro dia. Até os membros da tripulação que não estavam de serviço passavam o seu tempo a monitorizar os instrumentos que sondavam em vão ou limitavam-se a espreitar a paisagem inabalavelmente geométrica pelas vigias de observação. Perguntaram a si mesmos, uma e outra vez: estaria aquele mundo vivo? Estaria morto? Ou apenas a dormir?

Na primeira atividade extraveicular, Norton levou apenas um companheiro, o subcomandante Karl Mercer, o seu oficial de suporte vital duro e cheio de recursos. Não tinha qualquer intenção de se afastar do alcance visual da nave, e, se houvesse algum problema, era improvável que um grupo

maior fosse seguro. Porém, como precaução, tinha mais dois tripulantes, já dentro dos fatos, na comporta estanque.

Os poucos gramas de peso que lhes eram concedidos pela combinação dos campos gravitacional e centrífugo de Rama não ajudavam nem prejudicavam. Tinham de depender inteiramente dos seus jatos. Logo que possível, disse Norton a si mesmo, esticaria uma teia de cabos entre a nave e os fortins para conseguirem mover-se sem desperdiçar combustível.

O fortim mais próximo estava a apenas dez metros da comporta e a primeira preocupação de Norton foi verificar que o contacto não tinha provocado qualquer dano à nave. O casco da *Endeavour* repousava contra a parede curva com uma pressão de várias toneladas, mas a pressão estava distribuída de forma equilibrada. Tranquilizado, começou a flutuar pela estrutura circular enquanto tentava determinar o seu propósito.

Norton tinha avançado apenas alguns metros quando encontrou uma interrupção da parede lisa e aparentemente metálica. A princípio, pensou que seria alguma decoração peculiar, pois parecia não ter qualquer função útil. Seis sulcos ou encaixes radiais abriam-se com grande profundidade no metal e, dentro deles, havia seis barras cruzadas como os raios de uma roda sem aro, com um pequeno círculo no centro. Mas não havia forma de a roda poder ser girada, pois estava cravada na parede.

Depois, reparou com excitação crescente que havia sulcos ainda mais fundos nas extremidades dos raios, convenientemente moldados para receberem uma mão fechada (garra? tentáculo?). Se alguém se colocasse *de certa forma*, apoiado contra a parede, e puxasse um raio de determinada forma...

Suave como seda, a roda saiu da parede. Para seu completo espanto, pois tinha estado praticamente certo de que quaisquer partes móveis teriam sido soldadas pelo vácuo muito tempo antes, Norton deu consigo a segurar uma roda. Podia ser o comandante de um velho veleiro ao leme.

Sentiu-se grato por o filtro solar do seu capacete não permitir que Mercer lhe visse a expressão.

Estava sobressaltado, mas também irado consigo mesmo. Talvez já tivesse cometido o seu primeiro erro. Haveria alarmes a soarem naquele momento dentro de Rama e a sua ação imprevidente teria já ativado algum mecanismo implacável?

Mas a *Endeavour* não comunicava nenhuma alteração. Os seus sensores

continuavam sem detetar alguma coisa além de crepitações termais ténues e dos seus próprios movimentos.

— Bom, comandante... vais girá-la?

Norton pensou novamente nas suas instruções. «Liberdade de decisão, mas procedam com cautela.» Se verificasse cada movimento com o Controlo de Missão, nunca chegaria a lado nenhum.

— Qual é o teu diagnóstico, Karl? — perguntou a Mercer.

— É obviamente um controlo manual de uma comporta estanque, provavelmente um sistema de emergência em caso de falha energética. Não consigo imaginar *qualquer* tecnologia, por mais avançada, que não tomasse tais precauções.

— E seria um mecanismo de garantia — disse Norton a si mesmo. — Só poderia ser usado se não houvesse perigo para o sistema...

Segurou dois raios opostos, firmou os pés e testou a roda. Não se moveu.

— Dá-me uma ajuda — pediu a Mercer. Cada um deles segurou o raio e aplicou toda a sua força, mas não conseguiram movê-la sequer um centímetro.

Claro que não havia motivo para supor que os ponteiros de relógio e os saca-rolhas em Rama e na Terra girassem no mesmo sentido...

— Vamos tentar no outro sentido — sugeriu Mercer.

Daquela vez, não houve resistência. A roda girou quase sem esforço até completar um círculo. A seguir, de forma muito suave, começou a suportar a carga.

A meio metro de distância, a parede curva do fortim começou a mover-se, como uma concha de amêijoia a abrir devagar. Algumas partículas de pó sopradas pelo ar que escapa são projetadas, parecendo diamantes cintilantes quando refletiram a luz intensa do Sol.

O caminho para Rama estava aberto.